

MULHERES AFRODESCENDENTES TAMBÉM PODEM SER CINDERELA E BRANCA DE NEVE?

EMANUELLA GEOVANA MAGALHÃES DE SOUZA¹

FRANCIS MUSA BOAKARI²

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI

RESUMO: O presente estudo é baseado em um projeto de Iniciação Científica pela Universidade Federal do Piauí que discute sobre afrodescendência, identidade e discriminações, focalizando nas influências que os contos de fadas trazem para a identidade de mulheres descendentes de africanos. No presente trabalho foi analisado dois contos de grande notoriedade: Cinderela e Branca de Neve, no intuito de desmistificar que os mesmos conseguem contemplar todas as subjetividades e identidades na sociedade brasileira, pelo contrário disseminam ideologias racistas que podem acarretar prejuízos na construção identitária de mulheres afrodescendentes (e de outras raças). Nessa perspectiva traçamos como objetivo geral dessa investigação analisar as contribuições (negativas e/ou positivas) de dois contos clássicos (europeus) de fadas na construção das identidades de mulheres afrodescendentes. E como objetivos específicos definimos os seguintes: descrever as práticas discriminatórias sofridas pelas mulheres afrodescendente e verificar como os contos de fadas mais presentes e acessíveis na sociedade brasileira contribuíram para a construção das identidades raciais das mesmas.

Palavras-chaves: Mulheres afrodescendentes. Literatura. Identidade. Contos de fadas

ABSTRACT: The present study is based on a Scientific Initiation Project by the Federal University of Piauí that discusses african descendent , identity and discrimination, focusing on the influence that the fairy tales bring to the identity of afro-descendant women. In the present study was analyzed two tales of great renown: Cinderella and Snow

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí, bolsista da Iniciação Científica Voluntária – ICV, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, membro do Núcleo de Estudos Roda Griô - GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência, email: slts.emanuella@gmail.com

² Professor da Universidade Federal do Piauí, Campus Teresina. Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), coordenador do Núcleo de Estudos Roda Griô - GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência, e-mail: musabuakei@yahoo.com

White, in order to demystify that they can contemplate all the subjectivities and identities in Brazilian society, by contrast they spread racist ideologies that may lead to the losses in the construction of identities of afro-descendant women (and other races). In this perspective we draw as general objective of the research: analyze the contributions (negative and/or positive) of two classic tales (European) of fairies in the construction of identities of Afro-descendant Women. And as specific objectives we have defined the following: describe the discriminatory practices suffered by afro-descendant women and see how the fairy tales more present and accessible in Brazilian society have contributed to the construction of racial identity of themselves.

Keywords: Afro-descendants women. The literature. Identity. Fairy tales

INTRODUÇÃO

No Brasil, o grupo de brasileiros que mais enfrenta discriminações, racismos e marginalizações são os afrodescendentes. Afrodescendentes é o termo usado para descendentes de africanas/os escravizadas/os e criminosamente trazidas/os às terras do Brasil de hoje. (Interessante observar que este crime, imprescritível porque foi cometido contra os direitos básicos de muitos milhões de seres humanos, nunca foi reconhecido assim, diferente de outros grupos de tempos recentes, com duração curta, e de uma quantidade muito menor de vítimas). Outros termos usados para se referir aos membros deste grupo carregam uma bagagem histórica de negatividades, construindo ideologias que menosprezam o continente de origem destas pessoas. Usar outros termos, especialmente os negativos, é prática condenável porque como ideologia etnocêntrica tais conceitos não descrevem gente ou realidades históricas, mas fazem referências às significações depreciativas dos povos africanos, subjugando as suas culturas, excluindo as suas bases de conhecimento e continuamente colocando-os como inferiores aos outros povos (indígenas / indígenodescendentes, eurodescendentes e descendentes de asiáticos) que também ajudaram a construir este país. (COELHO; BOAKARI, 2013 APUD SOUZA; BOAKARI, 2015).

As mulheres afrodescendentes constituem uma parcela da população brasileira que constantemente sofrem discriminações, tanto pela descendência, gênero, aparência física ou por fatores econômicos. Dessa maneira, suas identidades são construídas através de aspectos negativos, fazendo com que essas mulheres descendentes de africanos sintam-

se inferiores em relação aos próprios homens de sua mesma raça e mais ainda aos homens e mulheres eurodescendentes. Nesse caso, presenciamos tanto discriminação racial quanto por gênero.

As discriminações raciais e de gênero sofrida pelas mulheres afrodescendentes (e outros grupos) são oriundas de diversos estereótipos que estão arraigados no imaginário da sociedade que são perpetuados culturalmente e historicamente pela mesma. Vários espaços são capazes de disseminar esses estereótipos negativos, desde a própria casa (no seio da família) como na rua, trabalho, escola e mídia.

Além desses espaços, devemos mencionar também os contos conhecidos como clássicos de fadas que constantemente repassam uma história única sob uma visão eurocêntrica e etnocêntrica, ou seja, valorizando apenas a história dos eurodescendentes e legitimando apenas um lado da mesma, pois reproduzem um único padrão de beleza, comportamento e valores: o europeu, asfixiando a diversidade dos outros povos.

Diante dessa constatação, indagamos como as mulheres afrodescendentes podem construir uma identidade positiva quando está rodeada de estereótipos negativos desde a infância nos intitulados contos clássicos de fadas? Ao utilizar apenas contos de fadas dentro de sala de aula, enquanto educadores, estamos reproduzindo estereótipos negativos e contribuindo para práticas racistas? A partir dessas perguntas iniciais desenvolvemos como objetivo geral dessa pesquisa analisar as contribuições (negativas e/ou positivas) de dois contos clássicos (europeus) de fadas na construção das identidades de mulheres afrodescendentes. E como objetivos específicos traçamos descrever as práticas discriminatórias sofridas pelas mulheres afrodescendente e por fim verificar como os contos de fadas mais presentes e acessíveis na sociedade brasileira contribuíram para a construção das suas identidades raciais.

DISCRIMINAÇÕES RACIAIS E DE GÊNERO

As discriminações estão inseridas dentro de um contexto que inclui a constante reprodução de estereótipos negativos resultante do preconceito e do racismo. Os estereótipos é o uso de uma (ou várias) característica tida como diferente e/ou estranha para representar determinado indivíduo ou um grupo de pessoas. Quando o estereótipo se

torna algo social, como explica Barreto, Araújo e Pereira, (2009, p. 233) ele “[...] traz apenas um traço genérico que deve representar um grupo, podendo ser negativo ou positivo. Desta forma, os estereótipos podem ser vistos também como componentes cognitivos de uma atitude: o preconceito”.

O preconceito é, assim, advindo da reprodução de estereótipos negativos sobre um determinado grupo, no caso desse estudo as mulheres afrodescendentes, normalmente são concepções preestabelecidas e pré-julgamentos alimentadas pelos estereótipos. (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009) Nessa contínua massificação de estereótipos negativos e preconceitos constatamos a presença do racismo, entendido como:

[...] por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes do ódio, com respeito a pessoas que possuem um pertencimento racial observável através de sinais diacríticos tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc., e, por outro lado, é uma ideologia, uma doutrina referente às raças humanas na qual postula-se a existência de raças superiores e inferiores. (GOMES. 1995, p. 54)

Diante dessas práticas desumanizadoras as discriminações são entendidas como o ato de hierarquizar os indivíduos a partir de determinadas características tidas como inferiores. Nesta perspectiva percebemos que a discriminação racial está associada a ideia de inferioridade e negatividade, como explica Gomes (1995, p. 49):

[...] a discriminação racial e o racismo na sociedade brasileira se dão, não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversas etnias, mas também devido à relação que se faz entre esses aspectos e os atributos socialmente observáveis dos pertencentes às mesmas. Como por exemplo, podemos citar comentários como: “umbanda é suja porque é coisa de negro”; “o cabelo do negro é ruim e do branco é bom”, entre outros.

Ao falarmos de mulheres afrodescendentes e as discriminações quanto ao gênero por elas sofridas estamos nos referindo as imposições postas pela sociedade do que seria “coisa de mulher” ou não, bem como os lugares que são impostos a elas, normalmente os mais subalternos (SOUZA; BOAKARI, 2015). Logo, compreendemos que “[...] gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos”. (BARRETO; ARAUJO; PEREIRA, 2009, p. 39)

Nesse contexto de discriminações, várias instituições sociais como família, igreja, escola, dentre outros, podem ajudar amenizando ou aumentando as práticas

discriminatórias. Nesse estudo interessa-nos, particularmente, como a escola lida com essas situações. Essa instituição potencializa uma falsa democracia racial e legitima padrões da cultura dominante (eurodescendente), discriminando seu próprio corpo discente, seja no livro didático, onde não aparece a (o) afrodescendente. Quando aparece é de forma subalterna ou como escrava/o (embora essa realidade venha aos poucos mudando). Tudo isso funciona “[...] para manter e reproduzir as discriminações que fazem da escola um ambiente não propício para os processos de ensino-aprendizagem apesar das consequências nefastas para alunas (os) afrodescendentes e toda a sociedade”. (BOAKARI, 2011, p. 200).

Dessa maneira as mulheres descendentes de africanos sofrem tanto por seu pertencimento racial como por gênero, “[...] Como no período da escravidão, elas ainda têm que enfrentar as consequências de sua desumanização racial, discriminação social, exploração sexual e inferiorização por causa de questões de gênero”. (BOAKARI, 2010, p. 1). Convivem constantemente com diversos tipos de discriminação, situações constrangedoras, menores salários, dentre outros.

IDENTIDADE AFRODESCENDENTE: UMA CONSTRUÇÃO

A identidade é um processo que recebe influências de vários fatores como ressalta Gomes, “A identidade não é inata, ela se constrói em determinado contexto histórico e cultural”. (1995, p. 40). Esse processo vai se construindo nas relações sociais em diversos ambientes: escola, igreja, vizinhança, família, dentre outros, dependendo assim de fatores externos.

Para compreendermos melhor esse fenômeno podemos mencionar Castells (2010, p. 22), quando o mesmo conceitua a identidade da seguinte forma: “[...] entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalecem sobre outras fontes de significado”. Ou seja, a identidade é uma construção de significados baseado em atributos dados por outrem em consonância (ou não) com a percepção de si mesmo. Dizem que sou pobre; mas me considero rico!

Podemos dizer que a identidade é, então, construída com essa relação: como os outros nos percebem e como nos percebemos, ou seja, desenvolvida a partir de um

coletivo, como explica Gomes (1995, p. 40): “[...] ela possui um processo de elaboração e efetivação de um nós coletivo”.

Sendo a identidade esse processo contínuo que recebe influências externas, de que forma as mulheres afrodescendentes podem construir positivamente suas identidades quando (na maioria das vezes) lhe são dados atributos negativos (feia, cor de pobre, parece um macaco, não é inteligente)? Esses atributos também são disseminados em livros, filmes, telenovelas. Nos livros e filmes de contos de fadas, por exemplo, temos apenas princesas eurodescendentes, loiras, magras, enaltecendo apenas a beleza europeia. Apenas recentemente a Walt Disney lançou um filme com personagens afrodescendentes, chamado a Princesa e o Sapo.

Como podemos perceber, a identidade está baseada na relação com o outro, não sendo construída apenas por aspectos individuais, havendo uma comparação de como o outro me vê: como a sociedade marcada por padrões eurocêntricos vê os afrodescendentes? Essa visão fica, muitas vezes, internalizada nos próprios afrodescendentes, como expressa Gomes (1995, p. 41): “O ‘meu’ mundo, o ‘meu eu’, a ‘minha cultura’, são traduzidos também através do outro, de ‘seu’ mundo e de ‘sua cultura’, do processo de decifração deste outro; do diferente”.

CONTOS DE FADAS: O QUE SÃO?

É necessário frisar que os contos “clássicos” de fadas estão inseridos dentro de uma concepção onde a literatura se costumava denominar “belas artes” (FACINA, 1971). Incorporada nessa grande área, temos a literatura infantil que se divide em dois campos: prosa e poesia. Na primeira categoria estão inseridos os contos, a lenda, a fábula, o apólogo, as histórias e a novela. No segundo, as canções rítmicas de ninar, as monorrítmicas dos jogos e rondas, as de estribilho e as enumerativas, dentre outros (SOSA, 1985). Os contos ditos “clássicos” são entendidos aqui como aqueles que ganharam notoriedade no ocidente, readaptados pelos autores Perrault, os irmãos Grimm e Andersen.

A concepção de “clássico” entra em xeque através de algumas premissas: por que são considerados clássicos? Por que os contos africanos (que também possuem princesas) não são considerados clássicos? Percebemos como a sociedade é eurocêntrica, baseando-

se apenas em uma cultura: a europeia, escamoteando os outros povos, as outras culturas. Porém, os contos de fadas não tiveram suas origens na Europa e sim na Índia: “Segundo alguns estudiosos da literatura infantil, o que hoje conhecemos como ‘clássicos’ desse gênero literário, encontraria seu nascimento na novelística popular medieval que, por sua vez, teria suas origens na Índia”. (JOVINO, 2006, 182). Para entendermos como esses contos chegaram no continente europeu precisamos ler na íntegra a explicação de Jovino (2006, p. 182):

No início do século XVIII, em 1704, Antoine Galland (1646- 1715), escritor e historiador francês, reuniu a primeira versão, em língua ocidental, das Mil e Uma Noites — criadas e mantidas na tradição oral pelos povos da Pérsia e da Índia. Galland partiu de um texto sírio do séc. XIV e adaptou sua versão ao sabor da língua francesa, excluindo o que lhe parecia demasiado obscuro. Galland teria recebido os manuscritos em uma viagem diplomática feita a países do oriente, a pedido do então rei da França, Luís XIV.

Os contos de fadas possuem assim características próprias onde a partir delas podemos definir e classificar as histórias em contos de fadas ou não, como explica Sosa (1985, p. 125):

[...] os personagens, em geral poucos e apresentando grande unidade, intervindo, por vezes, crianças, não muito habitualmente, e, com muita frequência, jovens em idade de casar. [...] Quanto à origem, ou procedem de uma cabana muito pobre, ou de um faustoso palácio encantado. Quanto às características, ou são excessivamente bons, ou medrosos, belos, ou tragicamente feios, perversos... [...] As qualidades físicas ou morais são nítidas em cada personagem, como dissemos antes: personificam orgulho, modéstia, coragem, covardia, beleza, bondade, maldade... [...] em geral, a bondade triunfa sobre a maldade, o corajoso sobre o covarde, o belo sobre o feio, o vício é punido e a virtude exaltada.

Diante dessas explicações precisamos também diferenciar os contos de outros tipos de literatura que muito se assemelham. Entretanto, possuem diferenças básicas, como as lendas e os mitos. No mito, suas personagens têm uma origem divina e o local é inabitável pelos humanos. Enquanto nas lendas o local é exato e seus personagens tornam-se heróis, no conto percebe-se a inserção do “maravilhoso”, do “encantamento”, o local é inexato e suas personagens não são individualizadas (SOSA, 1985).

A característica fundamental dos contos de fada é a entrada do “maravilhoso”: “Creia ou não nisso a criança, o certo é que a presença do maravilhoso nos contos de fadas é um elemento de capital importância, sua característica fundamental” (SOSA, 1985, p. 124).

É importante conhecermos um pouco dos autores europeus dos contos de fadas mais populares como Perrault que se destacou pelo seu realismo, afastando o maravilhoso em seus contos. Tendo como inspiração as experiências de seu povo como ressalta Sosa (1985, p. 131): “[...] a presença da experiência popular é notada em todos os momentos de seus contos [...] Vem igualmente do povo o final do drama da Borracheira, personagem escarnecida de todos os dias, a humilde maltratada de sempre”.

Os irmãos Grimm “[...] enfronharam-se na mitologia de sua gente com o mesmo afínco, determinados em estabelecer algo comparável aos mitos nórdicos e eslavos” (GRIMM; JACOB, 2010, p. 08). Enquanto Andersen, que foi consagrado como autor para crianças (mesmo não gostando do título) destacando-se pela inserção de forma exacerbada do “maravilhoso” se comparada aos autores supracitados (SOSA, 1985).

Diante dessas explicações elencamos algumas características básicas dos contos de fadas (personagens polarizadas em bom ou ruim, feio ou belo, heroínas e bruxas) que foram popularmente conhecidas e impostas através dos autores europeus acima citados, onde tinham como principal característica as “experiências do povo europeu”, sendo assim as personagens possuem um padrão estético: o eurodescendente. Sendo contos bastante disseminados na infância (até mesmo em outras etapas), como construir uma identidade onde mulheres afrodescendente (no caso do estudo) não são representadas?

CINDERELA E BRANCA DE NEVE: EXALTAÇÃO DA BELEZA EURODESCENDENTE

A escolha das histórias de Cinderela e Branca de Neve justifica-se pela notoriedade que os dois contos possuem e principalmente pelo fato de ambos terem uma característica em comum: a exaltação da beleza eurodescendente, que pode causar prejuízos à identidade das crianças afrodescendentes. Tivemos como base as histórias readaptadas pela Walt Disney – Cinderella (1950) e Snow White and the Seven Dwarfs

(1937), também nos embasamos em uma coletânea de contos de fadas “Meu Tesouro de Contos de Princesas” (HINKLE BOOKS, 2012) para analisarmos os contos em estudo.

Resumidamente, a história de Cinderela na versão da Walt Disney (1950) relata a vida de uma menina órfã que serve como empregada (figura 1) para a madrasta e as meias-irmãs. Na procura de uma noiva para seu filho, o rei faz um baile, onde Cinderela mesmo tendo suas roupas estraçalhadas pelas meias-irmãs consegue ir ao tal baile com a ajuda de uma Fada Madrinha (figura 2). Porém, sai desesperadamente da festa, antes que a magia da Fada madrinha acabe e ela vire novamente a “gata borralheira”, mas deixa seu sapatinho cair. O Príncipe caiu de encanto pela protagonista (figura 3) assim, o rei ordena que todas as mulheres provem o sapato perdido para descobrir quem é a princesa misteriosa. Eis que encontram Cinderela e ela casa-se com o príncipe.

Figura 1 - Cinderela como empregada



Fonte: Página do Blog No mundo do cinema e das letras³

³ Disponível em: <<http://www.universocinematografico.com.br/2015/08/no-sofa-de-casa.html>> Acesso 14 de fev de 2016

Figura 2 - Fada Madrinha ajudando Cinderela



Fonte: Página do site Plano Crítico⁴

Figura 3 - Cinderela com o Príncipe no baile



Fonte: Página do blog Eclética⁵

⁴ Disponível em: < <http://www.planocritico.com/critica-cinderela-1950/> Acesso 14 de fev. de 2016

⁵ Disponível em: < http://ecleticateen.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html > acesso 14 de fev. de 2016

Durante o filme da Walt Disney (1950) a todo momento é evidenciado as características da protagonista: bela, gentil e bondosa. No livro *Meu Tesouro de Contos de Princesas* (2012) o narrador expressa exatamente essa exaltação das qualidades de Cinderela nos seguintes trechos: “Mas a filha deles herdara da mãe rara bondade e doçura de temperamento” (HINKLE BOOKS, 2012, p. 62); “A garota suportava tudo isso pacientemente, e nem sequer reclamava” (HINKLE BOOKS, 2012, p. 64); “Apesar das roupas pobres e de sua aparência cansada, Cinderela era cem vezes mais bela e adorável que elas, em suas roupas finas”. (HINKLE BOOKS, 2012, p. 64)

Essas qualidades evidenciadas na história em questão servem para contrapor as qualidades boas e ruins das personagens femininas, em dois extremos, onde no primeiro, ficaria Cinderela e no segundo a Madrasta e as meias-irmãs:

É exatamente por suas atitudes ali expostas como “belas” e “encantadoras” que Cinderela vai se desenhando como uma representante de uma feminilidade contraposta à feminilidade da madrasta e de suas meias-irmãs: “uma mulher fria, cruel, invejosa, hipócrita.” (BUENO, 2012, p. 49-50)

Cinderela configura-se então em uma personagem que expressa características fenotípicas de eurodescendentes, como observado nas figuras 1, 2 e 3 no início dessa seção: loira, olhos claros, pele branca. Assim como nos outros contos de fadas (Bela e a Fera, A bela adormecida, Rapunzel, Branca de Neve, dentre outros) as heroínas possuem atributos extremamente polarizados para “coisas boas” (são educadas, gentis, bonitas, generosas). Então tais atributos podem ser facilmente associados as pessoas eurodescendentes uma vez que apenas elas são representadas nos contos. Como expressa Miranda e Galvão (2013, p. 03): “[...] a questão que chama a atenção é que a representação dessa heroína ou herói é sempre correspondente a um padrão estético eurocêntrico”. A criança afrodescendente passa, assim, a negar suas características aumentando o desejo de “ser eurodescendente”.

O outro conto, A Branca de Neve e os sete anões também relata a história de uma menina órfã que vive com uma Madrasta má e invejosa. Na versão da Walt Disney (1937) todos os dias a Madrasta perguntava a seu espelho mágico quem era a mulher mais bonita de todo o reino e o mesmo respondia que era Branca de Neve, ressaltando seus atributos: “Lábios como a rosa, cabelos como ébano, pele branca como a neve”. A vilã ordena que um caçador mate Branca de Neve. Ele, com pena da pobre moça, liberta-a na floresta.

Branca de Neve encontra uma pequena casa abandonada. Porém, nela residia sete anões que a deixaram viver em sua casa (figura 4) na condição que fizesse os serviços domésticos. Madrasta descobre que Branca ainda está viva e faz então inúmeras tentativas de matá-la, até que consegue através de uma maçã envenenada (figura 5). Os anões, com pena de enterrar um “ser tão belo”, fazem um caixão de vidro. Eis que surge em um belo dia o príncipe de um reino próximo, que sempre fora apaixonado pela protagonista e vê Branca naquele caixão. Ele abre o caixão e beija a moça (figura 6), que no mesmo instante desperta. A história termina com o Príncipe levando Branca de Neve ao reino.

Figura 4- Branca de Neve na casa dos Sete Anões



Fonte: Página do blog Afontegeek⁶

⁶ Disponível em: < 2016<https://afontegeek.wordpress.com/2015/10/03/5-curiosidades-dos-desenhos-animados-que-voce-precisa-conhecer/>>. Acesso 14 de fev. de 2016

Figura 5 - Bruxa dando a maçã envenenada para Branca de Neve



Fonte: Página do blog Epicamente Chato⁷

Figura 6 - Príncipe beijando Branca de Neve inconsciente



Fonte: Página do blog Livraria Freebook⁸

Podemos perceber que a trama da história em questão tem como pano de fundo a beleza, que é invejada e cobiçada. “Nos contos infantis que contém uma heroína (em sua grande maioria uma princesa) a beleza é uma das principais virtudes dessa personagem e muitas vezes o motivo do conflito principal, como no caso de Branca de Neve”.

⁷ Disponível em: < http://epicamentechato.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html >. Acesso 14 de fev. de 2016

⁸ Disponível em: < <https://livrariafreebook.wordpress.com/2012/07/18/as-princesas-e-o-estereotipo-dofelizes-para-sempre-moldam-o-comportamento-feminino/> >. Acesso 14 de fev. de 2016

(MIRANDA, GALVÃO, 2013 p. 06) No livro "Meu Tesouro de Contos de Princesas (2012) relata a cena da mãe de Branca de Neve quando ainda era viva desejando as características de sua filha (Branca de Neve): “Ah, se eu tivesse uma criança com a pele tão branca quanto a neve, com lábios tão vermelhos quanto o sangue, e cabelos tão negros quanto o ébano...” (HINKLE BOOKS, 2012, p. 116) Nesse conto fica bastante nítido a exaltação da beleza eurodescendente.

Em outros momentos do livro Meu Tesouro de Contos de Princesas (2012), também constatamos essa valorização da beleza eurodescendente: “Ela (Madrasta) não suportava a ideia de que alguém fosse mais bonita que ela (Branca de Neve)” (HINKLE BOOKS, 2012, p. 126); “Branca de neve, nas montanhas com os sete anões, ainda é mil vezes mais bela que você (Madrasta)”. (HINKLE BOOKS, 2012, p. 126)

Diante dessas observações, constatamos que os dois contos que reproduzem a ideia de beleza eurodescendente como única podem ser dolorosos para meninas afrodescendentes que constantemente possuem contato com essas histórias e nunca se veem representadas. Afinal, a identidade é um processo que se constrói com base em atributos dado por outrem em consonância com o que achamos de nós mesmos. Percebemos então que esses contos disseminam estereótipos de estética que afetam na identidade de crianças afrodescendente uma vez que eles ajudam na negação das características dos descendentes de africanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Envolto de estereótipos a sociedade constantemente asfixia a liberdade de várias mulheres afrodescendentes que se sentem inferiores ou numa pretensa vontade de “branquear-se”. Nessa perspectiva alguns fatores ajudam para a disseminação de ideias racistas, como os contos de fadas que podem prejudicar a construção identitária de mulheres descendentes de africanos, já que possui na princesa eurodescendente o ideal a ser alcançado.

O intuito desse estudo não é acabar com o uso de tais contos, e sim o incentivo de mesclar várias literaturas que contemplem os diversos povos, as diversas belezas, as diversas culturas, uma vez que desde a infância, valores e representações europeias foram

priorizadas e repassadas maciçamente, não representando as diversidades existentes em nossa sociedade, imprimindo e disseminando apenas um padrão de beleza, valor e cultura: a europeia. Serve também de reflexão para os educadores que constantemente usam tais contos para representar a diversidade brasileira, quando não representa diversidade alguma.

Desconstruir estereótipos talvez seja a tarefa mais urgente que a escola brasileira deve assumir, práticas excludentes e racistas estão assoladas em seu ambiente e pouco é feito para mudar tal realidade. Por isso a necessidade de repensarmos o que reproduzimos em sala de aula, se continuamos ou não a disseminar ideologias preconceituosas em nossas praticas educativas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Andreia; ARAUJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete (org's). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BOAKARI, F. M. **Mulheres afrodescendentes de sucesso: confrontando as discriminações brasileiras**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278155240_ARQUIVO_FAZENDEGENERO9-2010-BOAKARI.TEXT0.pdf> Acesso em: 22 nov. 2013.

BOAKARI, F. M. Noções de raça, racismo e etnicidade. In: BONFIM, M. do C. A; GOMES, A. B. S, BOAKARI, F. M; OLIVEIRA, C. M. B (Org's). **Gênero e diversidade na escola**. Teresina: EDUFPI, 2011.

BUENO, Michele Escoura. **Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças**. Orientadora: Heloísa Buarque de Almeida. Dissertação de mestrado em Antropologia social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08012013-124856/pt-br.php>> Acesso em: 20 de mar de 2015

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

COELHO, Raimunda Ferreira Gomes; BOAKARI, Francis Musa. Por que afrodescendente? E não negro, pardo ou preto? **I CONGEAFRO**: congresso sobre gênero, educação e afrodescendência. Anais. Teresina: UFPI, 2013, p. 01-19, CD-ROM.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**: o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **A bela adormecida e outras histórias**. Porto Alegre: L&M, 2010

HINKLER BOOKS (org). **Meu Tesouro de Contos de Princesas**. Santa Catarina: Todo livro, 2012

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). **Literatura Afro-Brasileira**. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006

MIRANDA, Débora Brasil; GALVÃO, Alexandre Cavalcanti. **Princesas de contos de fadas e crianças negras: racismo, estética e subjetividade**. **I CONGEAFRO**: congresso sobre gênero, educação e afrodescendência. Anais. Teresina: UFPI, 2013, p. 01-16, CD-ROM.

SOSA, J. **A literatura infantil**. São Paulo: Editora Cultrix, 1985

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de; BOAKARI, Francis Musa. **Contos de fadas e identidade racial: são princesas as mulheres afrodescendentes?** **II CONGEAFRO**: congresso sobre gênero, educação e afrodescendência. Anais. Teresina: UFPI, 2015, p. 383-398, CD-ROM.

FILMOGRAFIA

A Branca de Neve e os Sete Anões (Snow White and the Seven Dwarfs). Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1937. 83 min, cor.

Cinderela (Cinderella). Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1950. 74 min, cor.

Artigo revisado pelos autores.